
Marx e Marcuse: Acerca da Alienação do Homem e seu Trabalho

Marx y Marcuse: Acerca de la Alienación del Hombre e su Trabajo

FABIO GOULART¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar e analisar o conceito de alienação nos manuscritos do jovem Marx e a respectiva análise feita por Herbert Marcuse acerca de tal conceito. O primeiro passo é apresentar a distinção e similitude entre os termos alemães *Entäusserung* e *Entfremdung* que dão origem a tal conceito. Depois vemos como na análise de Marx seria evidente que na lógica capitalista o trabalhador e seu trabalho estão rebaixados à miserável posição de mercadoria barata e substituível onde o fruto de seu trabalho torna-se cada vez mais distante. Nesta relação o trabalho se torna uma potência sobre o ser humano, fato este que seria a origem de diversos problemas sociais e formas de violência. Depois apresentamos a análise feita por Marcuse acerca dos respectivos texto de Marx, onde veremos os motivos porque ele acreditava que alienação e trabalho seriam conceitos ligados a essência humana e consequentemente muito além da economia.

Palavras-chave: Alienação. Estranhamento. Trabalho. Capitalismo. Essência Humana.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar y analizar el concepto de alienación en los manuscritos del joven Marx y la análisis de Herbert Marcuse sobre este concepto. El primer paso es presentar la distinción y la similitud entre las palabras alemanes *Entfremdung* y *Entdusserung* que dan lugar a tal concepto. Después vemos cómo en la análisis de Marx sería claro que en la lógica capitalista el trabajador y su trabajo son relegados a la posición miserable de mercancía barata y sustituable donde los frutos de su trabajo se convierte cada vez más distante. Este trabajo se convierte en una relación de poder sobre los seres humanos, un hecho que sería la fuente de muchos problemas sociales y formas de violencia. Después presentamos la análisis realizada por Marcuse sobre el texto de Marx, donde veremos las razones porque ello creía que alienación y trabajo harían conceptos relacionados con la esencia humana y, por tanto, mucho más allá de la economía.

Palabras clave: Alienación. Extrañamiento . Trabajo. Capitalismo. Esencia Humana.

1. Marx e o Homem Alienado

Karl Marx foi um dos primeiros da história da filosofia a tratar de forma mais incisiva o problema da alienação do homem moderno. Embora seja famoso pelo livro *O Capital (Das Kapital)* e outros tantos textos, já em 1844

¹ Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2012-2014) e pela Universidad de la Republica (URUGUAI - Sandwich).

ele escrevera sobre a alienação em sua obra *Manuscritos econômico-filosóficos*², época em que o filósofo alemão tinha apenas vinte e seis anos de idade e buscava em outras áreas ampliar sua visão filosófica. Marx com sua filosofia não queria apenas interpretar o mundo que vivemos, mas também queria transformá-lo.

Em tal manuscrito Marx faz uma análise contundente e crítica a economia nacional a partir das leituras de economistas como *David Ricardo* e *Adam Smith*. Em seu texto o filósofo deixa clara a existência radical de um abismo criado entre a ética e a economia burguesa, abismo este no qual proliferava-se a alienação e reificação do homem. Se de um lado românticos e racionalistas podem ver no trabalho alienado valor e edificação para o ser humano, do outro lado Marx abandona qualquer ideia de relação espiritual nesta prática e denuncia o fato de se tratar de apenas de uma atividade relacional onde na sociedade capitalista uns oprimem e lucram em cima do trabalho de outros, estes outros se submetem a tal opressão, pois sem o trabalho não lhes é dada chance de sobreviver em tal sociedade.

Para o sociólogo *Jesus Ranieri*, grande conhecedor de Marx, escritor da obra *A Câmara escura: alienação e estranhamento em Marx* e tradutor dos manuscritos em questão:

O conteúdo da reflexão de Marx tem lá sua dívida com a concepção filosófico-especulativa de atividade, porque extrai de Hegel um princípio crucial para a consecução do entendimento dos elementos dessa composição acima assinalada. Este princípio é o da distinção (e similitude) entre alienação (*Entäusserung*) e estranhamento (*Entfremdung*). (...) é bastante claro que a aceitação do jogo de contradições não aparece somente como mero recurso metodológico, mas principalmente como percepção de que o núcleo da própria realidade se movimenta em termos de forte oposição e alteridade. E é por esse prisma (o princípio de contradição) que se estruturam em Marx, graças a descoberta da contradição interna da propriedade privada, todos os desdobramentos do estranhamento do trabalho.³

Por isso, em primeiro lugar Ranieri alerta para distinção que podemos fazer ao traduzir *Entäusserung* por *alienação* e *Entfremdung* por *estranhamento* na obra de Karl Marx, afinal seriam termos distintos no sistema do filósofo alemão. Normalmente tal distinção não é feita e se entende por alienação um

²Obra também conhecida como Manuscritos de Paris.

³in MARX, 2004, p.13.

estado de negatividade que se contrapõe a qualquer positividade emancipadora, estado este que englobaria os conceitos de *Entäusserung* e *Entfremdung*. Longe de vivermos em uma sociedade esclarecida de indivíduos emancipados, no capitalismo estaríamos vivendo sob um estado amplo de alienação no qual uns poucos se apropriam do excedente de trabalho de uma minoria que é oprimida, desta opressão surgiria o espaço para a desigualdade e a miséria conviverem lado a lado com o progresso técnico e industrial. Tal miséria também se espalha pela cultura, trabalho, condições de vida e demais esferas materiais e espirituais do ser humano. Por isso o conceito “*Alienação*” da língua portuguesa já englobaria os conceitos de *Entäusserung* e *Entfremdung* da língua alemã. Porém, para o sociólogo Jesus Ranieri em Marx este englobamento não seria tão evidente. Por mais que em alguns momentos possamos utilizar “*Alienação*” para nos referirmos aos dois termos, em alemão eles definitivamente não seriam sinônimos. O sociólogo define os conceitos alemães da seguinte maneira:

Entäusserung significa remeter para fora, extrusar, passar de um estado a outro qualitativamente distinto. Significa, igualmente, despojamento, realização de uma ação de transferência, carregando consigo, portanto, o sentido da exteriorização, momento de objetivação humana no trabalho, por meio de um produto resultante de sua criação. Entfremdung, ao contrário, é objeção socioeconômica à realização humana, na medida em que veio, historicamente, determinar o conteúdo do conjunto das exteriorizações – ou seja, o próprio conjunto de nossa socialidade – através da apropriação do trabalho, assim como da determinação dessa apropriação pelo advento da propriedade privada. Ao que tudo indica, a unidade Entäusserung-Entfremdung diz respeito à determinação do poder do estranhamento sobre o conjunto das alienações humanas, o que, em Marx, é possível perceber pela relação de concentricidade entre as duas categorias: invariavelmente as exteriorizações aparecem no interior do estranhamento, ainda que sejam inelimináveis da existência social fundada no trabalho humano.⁴

Vejamos agora como tais conceitos se comportam nos manuscritos de Karl Marx. Após uma primeira análise da situação da economia nacional a partir da leitura dos economistas supracitados o jovem filósofo fica à vontade para no final do primeiro caderno iniciar seu diagnóstico de estranhamento e

⁴in MARX, 2004, p.16.

alienação do homem na sociedade capitalista na seção denominada *Trabalho Estranhado e Propriedade Privada*⁵.

Na análise marxiana os estudos em economia deixam evidente que o trabalhador e seu trabalho estão rebaixados à miserável posição de mercadoria barata e substituível, e que quanto mais este é capaz de produzir, mais miserável se torna sua condição, pois quanto maior a capacidade de produção mais barato fica o trabalho. Isto evidentemente leva ao enriquecimento de necessariamente poucos, fato este que além de contraditório é tremendamente injusto. Isto afirma-se pois a economia em momento algum apresentaria esclarecimentos acerca do origem e motivo desta divisão contraditória do trabalho e do capital, ou seja, tal injustiça seria oriunda do interesse do capitalista e do funcionamento interno do capitalismo, seria uma espécie de *mito moderno*. Tal funcionamento injusto da economia culminaria nas mais variadas formas de violência social, Marx chega a dizer: “*As únicas rodas que o economista nacional põe em movimento são a ganância e a guerra entre os gananciosos, a concorrência.*”⁶

Depois disso, ele passa a investigar a lógica interna do processo de produção na sociedade capitalista,⁷ que com a valorização das coisas (*Sachenwelt*) desvaloriza-se na mesma medida nossa humanidade⁸ (*Menschenwelt*). Karl Marx afirma que ao produzir mercadorias o trabalho produz a si mesmo e ao trabalhador. O trabalho só se concretiza quando se objetiva na forma da coisa produzida, ou seja, o trabalho se efetiva com a desefetivação (*Entwirklichung*) do trabalhador que subvalorizado se transforma em servo do objeto produzido, se torna estranho ao fruto de seu trabalho, se torna *alienado*. Esta servidão se confirma, pois em primeiro lugar o trabalhador necessita vitalmente de seu trabalho e, em segundo lugar, pois quanto mais trabalha e mais produz, mesmo que mais ganhe, mais fica escravizado ao capital, que é o resultado final de todo trabalho na sociedade capitalista.⁹ Como consequência desta alienação o

⁵ Eu algumas traduções esta seção é chamada apenas de Trabalho Alienado.

⁶ MARX, 2004, p.79.

⁷ MARX, 2004, p.80-81.

⁸ Mundo dos Homens.

⁹ O termo 'resultado' não deve ser entendido aqui no sentido de 'coisa'(Sache) ou de 'produto' redutível a um sistema de reprodução. Para o filósofo alemão o capital é/são relação/ões sociais(Vergesellschaftungs Weise) que se reproduzem constantemente, é um modo de socialização.

mundo externo bem como o mundo interior do homem torna-se estranho e hostil. Numa perversão completa da natureza das coisas passamos a sentir que realmente não pertencemos a nós mesmos, que pertencemos ao trabalho e que este além de estranho é uma potência autônoma (*Macht*), que independe de nós, ou ainda, que nós dependemos dele. Podemos deduzir isso a partir do item 1 desta breve síntese exposta por Marx:

Examinamos o ato do estranhamento da atividade humana prática, o trabalho, sob dois aspectos. 1) A relação do trabalhador com o produto do trabalho como objeto estranho e poderoso sobre ele. Esta relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo exterior sensível, com os objetos da natureza como um mundo alheio que se defronta hostilmente. 2) A relação do trabalho com ato da produção no interior do trabalho. Esta relação é a relação do trabalhador com sua própria atividade como uma atividade estranha não pertencente a ele, a atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração. A energia espiritual e física própria do trabalhador, a sua vida pessoal – pois o que é vida senão atividade – como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele. O estranhamento-de-si (*Selbstentfremdung*), tal qual acima o estranhamento da coisa.¹⁰

Vamos agora expandir o ponto 2 da síntese acima citada. Alienado o sujeito se distancia não somente dos frutos de seu trabalho, como também sua respectiva atividade torna-se estranha. É o trabalho enquanto *Macht* que passa a dispor os meios de vida do homem. O sujeito passa a existir somente enquanto “trabalhador”, existir enquanto “*ser que trabalha*” se torna prioridade em relação a ser um “*ser social*”, ou mesmo “*sujeito físico*”.¹¹ Para o filósofo a análise da relação entre “trabalhador-objeto do trabalho” nos mostra de maneira decisiva se uma determinada atividade de trabalho é ou não estranhada. No capitalismo o estranhamento estaria entranhado na essência de todas atividades de trabalho. Neste sistema a relação imediata entre “trabalhador-objeto do trabalho” seria desconsiderada. De um modo geral, o grande capitalista, que é aquele que desfruta os luxos que tal sistema proporciona, não relaciona sua riqueza ao trabalho de seus trabalhadores, normalmente ele faz justamente o oposto, associa o trabalho de seus trabalhadores à sua riqueza. Desta forma, o

¹⁰ MARX, 2004, p.83.

¹¹ MARX, 2004, p.81.

trabalhador não ganha necessariamente com o aumento do ganho do capitalista, por outro lado se houver perdas: o trabalhador necessariamente perde através da degradação das condições de trabalho, do aumento da carga horária, da cobrança descomunal de metas de produção, ou mesmo da perda efetiva do trabalho. Isto ocorre, pois, o capitalismo carregaria em sua essência o mito de que quem detém os meios de produção, detém conseqüentemente o capital produzido, Marx crítica tal mito, pois não existiria justificativa plausível para isso. Para o filósofo alemão este mito deve ser derrubado e as contradições no modelo de produção capitalista necessitam ser repensadas e superadas, seria necessário encontrarmos radicalmente uma nova forma de organização da econômica que abandone o valor baseado na troca e no fetiche, e se baseia na reais necessitadas da comunidade, se trata portanto de algo muito além de uma simples distribuição igualitária do capital. Só assim poderíamos superar todo estranhamento do trabalho, poderíamos superar a relação *opressores-oprimidos*¹² para vivermos em um mundo livre do trabalho estranhado.¹³

Mas o produto do trabalho seria apenas o *resumo da atividade de trabalho* (*Resumê*), seria o momento da exteriorização, o momento da alienação. O estranhamento se daria desde o princípio do ato da produção e seguiria durante toda atividade produtiva. A atividade do trabalho do trabalhador no capitalismo já é por si mesma exterior (*Äusserlich*) a ele. Assim sendo, ao trabalhar o ser nega-se enquanto sujeito e afirma-se somente enquanto objeto que trabalha, neste processo a energia que o mesmo desprende nesta atividade é uma energia não para a vida, mas para a morte. A atividade do trabalho costuma trazer sempre infelicidade, o sujeito só se sente feliz quando se afasta de sua atividade de trabalho. Por isso evidentemente a grande maioria só trabalha por obrigação, não trabalha para suprir alguma *carência social*, ou seja, trabalha sempre devido a razões externas ao trabalho, geralmente: para sobreviver. Por isso mesmo o trabalho no capitalismo é estranho e alienado também em relação a sociedade.¹⁴

Tal espécie de trabalho age de tal maneira no sujeito que aos poucos o mesmo perde a sensação de sair de casa para ir trabalhar e passa a sentir que sai

¹²Uso aqui uma relação comum nas obras de Paulo Freire.

¹³MARX, 2004, p.81-83.

¹⁴MARX, 2004, p.82-83.

do trabalho para ir para casa, o local de trabalho torna-se seu *habitat*, o ser torna-se estranho ao seu *jaz* antigo lar. Na verdade toda sua vida além da vida na atividade de trabalho torna-se estranha. Muitas vezes para suportar tanta energia mortífera que emana o sujeito passa se identificar com sua atividade de trabalho, degrada-se em “*o professor, o vendedor, o mecânico, etc.*”. Tal identificação é tão poderosa que faz muitos se afastarem de amigos, parentes, projetos pessoais e até mesmo da própria aposentadoria em nome da atividade de trabalho, evidentemente este processo é autodestrutivo para o sujeito, porém está alinhado à lógica de trabalho capitalista – na qual o sujeito enquanto humano morre muito tempo antes do sujeito enquanto trabalhador.

Uma consequência imediata disso, de o homem estar estranhado do produto do trabalho, de sua atividade vital e de seu ser genérico é o estranhamento do homem pelo próprio homem, Quando o homem está frente a si mesmo, defronta-se com ele o outro homem. O que é produto da relação do homem com seu trabalho, produto de seu trabalho e consigo mesmo, vale como relação do homem com outro homem, como o trabalhador e o objeto do trabalho de outro homem.¹⁵

A partir do trecho acima citado Marx denuncia que alienado o homem torna-se estranho de seu próprio gênero, estranho à humanidade. Estranho em relação a si mesmo, em relação aos outros, em relação ao trabalho, em relação à vida, em relação a tudo. Torna-se estranho à essência que lhe faz humano além de animal. O trabalho estranhado estripa a humanidade do ser, serve como autojustificação da contradição e da violência presente no sistema no qual o trabalho não pertence ao ser que trabalha, pertence a um outro ser, no caso: o patrão, o burguês, ou simplesmente: *o opressor*. A miséria de muitos se torna a riqueza de poucos. Miséria que transpassa a cultura e explode nas relações sociais interindividuais, onde *o homem se torna inimigo do próprio homem*.¹⁶ Para o filósofo Ricardo Timm Souza o aspecto central da análise de Marx acerca do trabalho alienado é o seguinte:

O que está em jogo não são leis da natureza ou fatalidades do destino, mas lógicas de exploração e legitimação dessa exploração dos seres humanos uns pelos outros. O que, em um primeiro momento, aparece como

¹⁵ MARX, 2004, p.85-86.

¹⁶ MARX, 2004, p.86-87.

uma estrutura de complexidade infinita, sem a possibilidade de percepção de uma lógica interna suficiente, acaba por se evidenciar como um processo com uma estrutura lógica extremamente clara, dos quais os vários aspectos analisados acabam por configurar um todo de sentido: o ser humano que, usando os seus poderes racionais, em vez de utilizá-los para constituir uma sociedade propriamente humana, que contraste claramente com o mundo natural e objetivo pela manutenção da dignidade humana propriamente dita, transforma, pelos processos de alienação, essa dignidade em mero objeto. Em lugar de crescer em qualidade propriamente humana, o ser humano degrada-se em coisa.¹⁷

Assim sendo o jovem Marx dos *Manuscritos* demonstra como o trabalho estranhado promove a alienação do homem e do mundo, bem como o capitalismo autojustifica sua lógica de opressão e violência entre os homens. No final do caderno Karl Marx evidencia que a propriedade privada é o produto e resultado do trabalho exteriorizado, ou seja, não é a causa, mas sim o efeito do mesmo.¹⁸ Ao que nos toca referente a este trabalho, deve nos ter ficado claro até aqui que para Marx é no trabalho que ocorre a alienação e alienado o ser reifica a si mesmo e aos outros seres.

2. Marcuse e a Essência Humana Alienada

O filósofo alemão naturalizado norte-americano Herbert Marcuse foi um dos primeiros a analisar filosoficamente os manuscritos de do jovem Marx e fez isso com grande entusiasmo, pois em sua juventude ele escreveu uma série de ensaios que exploravam a possibilidade de sintetizar o marxismo e a ontologia fundamental de Heidegger, em especial na obra *Ser e Tempo (Sein und Zeit)*. O jovem Marcuse traçou este projeto pois buscava uma filosofia concreta, onde a compreensão da essência e existência humana contemporânea fossem a base do pensamento para a ação prática.¹⁹ Mas com filiação de Heidegger ao partido nazista (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei - NSDAP*) em 1933, Marcuse rompeu com os últimos laços com a filosofia do *Dasein*, ele não enxergou tal filiação de seu mestre como um simples “equivoco”. Nos *Manuscritos de Paris* Herbert Marcuse viu a possibilidade de fundamentar a filosofia política revolucionária marxista sem a necessidade de recorrer à

¹⁷ SOUZA, Ricardo Timm de. Disponível em <<http://goo.gl/C4xERF>> Acesso em: 18 de Fevereiro de 2012.

¹⁸ MARX, 2004, p.88-90.

¹⁹cf. MARCUSE, 2005,p. 49.

filosofia de Heidegger, algo crucial para a reconfiguração de sentido de sua própria filosofia após a escolha de seu mestre. Devemos lembrar também que embora todo flerte em sua juventude e o fato de ter se tornado assistente da cátedra de Heidegger, ele sempre teceu críticas à falta de atenção às consequências práticas da filosofia do *Dasein*.

Em seu livro intitulado *Ideias Para Uma Teoria Crítica da Sociedade (Towards a Critical Theory of Society)*, mais precisamente no capítulo *Novas Fontes Para a Fundamentação do Materialismo Histórico*, Herbert Marcuse recorre ao jovem Marx na busca por sua fundamentação da teoria da revolução e antes de mais nada inicia o debate acerca do conceito de alienação e sua correspondência na vida prática.

A partir da análise de Marcuse a alienação estaria coligada a outras categorias fundamentais nos textos do jovem Marx, a saber: propriedade, trabalho, superação e objetivação. Para Herbert Marcuse precisamos em princípio distinguir entre o conceito de *trabalho estranhado na economia capitalista* e o conceito de *trabalho na proposta de economia socialista*, este segundo em reposta ao primeiro e mais próximo a essência humana e ao *trabalho livre e natural*.

Como exposto por Marx o trabalho no capitalismo suga a energia vital e desvaloriza o humano do ser, levando em última instância a colocar o homem contra o homem e gerando uma lógica de violência e opressão perpétua e autorreplicante. Por outro lado a economia política socialista seria capaz de superar tal perpétua autorreplacação e formar um mundo mais justo e humano.

Marx revelou a alienação e o estranhamento do trabalho da economia capitalista, fato este que seria a base para a necessária execução de uma revolução comunista para humanizar novamente a economia.²⁰ Marcuse ressalta que o jovem Marx não via no trabalho estranhado, e em todas suas consequências violentas, apenas uma “consequência da economia capitalista”, via uma total alienação, desvalorização e distorção da vida humana e de seus relacionamentos. Assim sendo o conceito marxiano de trabalho não estaria ligado apenas à economia, mas sim à essência humana, essência que necessita ser resgatada através da superação da coisificação e do resgate da humanização

²⁰MARCUSE, 1981, p.14.

perdida durante o processo de valorização das coisas e da propriedade privada, propriedade essa que também necessita ser superada.

Marcuse via que desde antes da industrialização o trabalho humano já havia aberto a possibilidade da alienação a partir do instante que o homem deixou de produzir somente para suprir as demandas de sua comunidade e passou a produzir grandes quantidades para comercializar com outros grupos. Com isso o trabalho começou a ficar estranho, o trabalhador começou a ficar cada vez mais distante do produto de seu trabalho, evidentemente se do trabalhador for privada a administração de seu processo de trabalho, ele também perde o domínio sobre seu produto e fica estranhado frente a ele. Desta forma, como dito pelo filósofo:

O trabalho, em vez de uma manifestação do todo do homem, se transforma em ‘exteriorização’, em vez de plena e livre realização do homem se transforma em total ‘desrealização’: ele apresenta de tal forma como desrealização que o trabalhador é desrealizado até o estado de inanição.²¹

Com isso foi possível a fantástica *divisão do trabalho* que foi essencial para a civilização e ao progresso técnico, porém abriu-se as portas para a apropriação da força de trabalho de uns sobre os outros e da redução do humano ao nível de coisa que trabalha, abriu-se a porta para a alienação do homem em seu trabalho. Antes de qualquer outra coisa tal nova forma de trabalho, muito diferente do trabalho livre e natural, apodrece as relações humanas, pois priva o homem daquilo que lhe é próprio, a sua liberdade:

O trabalho (livre e natural) pressupõe o poder relacionar-se com o ‘universal’ dos objetos e com as possibilidades neles imanentes. E no poder relacionar-se com o próprio gênero se baseia a liberdade especificamente humana: a autorrealização, ‘autoprodução’ do homem. Por meio do conceito de trabalho livre (do livre produzir), a relação do homem como ser genérico com seus objetos se torna mais clara.²²

O trabalho livre e natural, no qual para Herbert Marcuse deveria residir a base da luta dos revolucionários frente à alienação, é a *realização da essência humana*. Por outro lado, o trabalho estranhado do capitalismo é a *desrealização*

²¹MARCUSE, 1981, p.17.

²² MARCUSE, 1981, p.22-23.

desta essência. Tal essência não seria um *substratum* abstrato a-histórico, mas sim uma essência que se determina na e somente na história, haveria uma relação necessária entre *essência e existência*.²³ Durante o processo de divisão do trabalho teria havido também a separação entre essência e existência, desta forma a crise social do capitalismo não é somente uma crise econômica e política como também é uma *catástrofe da essência humana*, por isso mesmo Marcuse condena toda e qualquer reforma econômica ou política na ordem vigente e exige a revolução total em que:

Somente a partir de uma fundamentação correta, cuja solidez não possa ser abalada por meio de argumentos econômicos ou políticos, é que surge a questão das condições históricas e dos portadores da revolução: a teoria da luta de classes e da ditadura do proletariado. Toda crítica que se ocupa dessa teoria sem discutir seu fundamento próprio não atinge seu objeto.²⁴

Marcuse a alienação eclode no trabalho, porém é anterior, ocorre na essência humana quando apodrecida e afeta toda sua existência. No trabalho estranho do capitalismo o sujeito se aliena e sua maneira alienada de ver a si mesmo como coisa se reflete nas relações interpessoais que se tornam cada vez menos “pessoais” e mais “coisais”.²⁵ Diríamos que ele focaliza as relações sociais como local da ocorrência e das consequências da alienação, desta forma ficamos um pouco mais próximos dos objetivos desta pesquisa.

Considerações Finais

Em síntese vimos que o conceito de alienação possui ampla história e fundamentação filosófica, por isso mesmo não podemos ficarmos presos apenas à ideia de senso comum de que alienado é quem vivem de forma desconexa com nossa realidade. O conceito filosófico de alienação começou a ser fundado com as pesquisas que o jovem Karl Marx fez acerca da economia de sua época. Embora o termo *alienação* derive dos termos *Entäusserung* (*alienação*) e *Entfremdung* (*estranhamento*) e que para Marx esta divisão conceitual acompanha sua obra, normalmente tal distinção não é feita e se entende por alienação *um estado de negatividade que se contrapõe a qualquer positividade*

²³ MARCUSE, 1981, p.36.

²⁴ MARCUSE, 1981, p.37.

²⁵ MARCUSE, 1981, p.45.

emancipadora, estado este que englobaria estes dois conceitos alemães. A alienação é para Marx fruto do sistema capitalista em que o sujeito trabalha não para suprir suas necessidades ou a necessidade de sua comunidade, mas sim para suprir as necessidades do burguês e do próprio sistema econômico em geral. Com isso o fruto do trabalho do trabalhador se torna estranho e distante, *as coisas tem seu valor de uso substituído pelo valor de fetiche* e o próprio trabalho torna-se uma mercadoria barata, tão barata que muitas vezes o salário do trabalhador não é suficiente para que este possa usufruir daquilo ele próprio produz. Com isto o *mundo das coisas* (Sachenwelt) é valorizado e desvaloriza-se na mesma medida o *mundo dos homens* (Menschenwelt). Desta forma o *sujeito alienado vai se tornando também uma coisa*, um ser vazio, descartável e substituível. Como resultado disso o homem se torna estranho a si mesmo e a toda humanidade, fato que nos leva a um estado no qual *o homem se torna inimigo do próprio homem*, que faz com que um homem queira explorar e oprimir os outros homens para poder desfrutar dos luxos que o sistema oferece. Desta forma os conceitos de alienação e reificação em Marx se referem a muito mais coisas além da economia e das relações de trabalho no capitalismo, eles dizem respeito a lógicas de exploração e legitimação dessa exploração dos seres humanos uns pelos outros.

Para Herbert Marcuse o conceito marxiano de trabalho não estaria ligado apenas à economia, mas sim à essência humana, essência essa que necessita ser resgatada através da superação da coisificação e do resgate da humanização perdida durante o processo de valorização das coisas. O trabalho livre e natural é a *realização* da *essência humana*, por outro lado, o trabalho estranhado do capitalismo é a *desrealização* de tal essência. Tal essência não seria um *substratum* abstrato a-histórico, mas sim uma essência que se determina na e somente na história, haveria uma relação necessária entre *essência e existência*. Durante o processo de divisão do trabalho teria havido também a separação entre essência e existência, desta forma a crise social do capitalismo não é somente uma crise econômica e política como também é uma *catástrofe da essência humana* que apodrece as relações pessoais transformando-as em relações “coisais”.

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. 1947. Disponível em: <<http://goo.gl/YDDT7S>> Acesso em: 23 de Fevereiro de 2014.

ADORNO, Theodor W. **Música Popular e Protesto**[Entrevista]. Disponível em: <<http://goo.gl/CdEiPU>> Acesso em: 19 de Fevereiro de 2014.

_____. **Sobre música popular**. In: COHN, Gabriel. Org. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1986. 115-146p. Disponível em: <<http://goo.gl/uQ3LiN>> Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

_____. **O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição**. In: Textos escolhidos. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. 65-108p. Disponível em: <<http://goo.gl/rUcpGA>> Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Trad. e apres. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007, 96p.

LUKÁCS, George. **História e Consciência de Classe**: Estudos sobre a dialética marxista. São Paulo : ed. Martins Fontes, 2003. 598p. Disponível em: <<http://goo.gl/MpWv62>> Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

MARCUSE, Herbert. **Idéias Para Uma Teoria Crítica da Sociedade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. 165p.

_____. **On Concrete Philosophy**. In *Heideggerian Marxism*. Eds. John Abromeitand Richard Wolin. Lincoln: University of Nebraska Press, 2005, 34-52p.

_____. Sobre o caráter afirmativo da cultura. In: **Cultura e Sociedade**. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 2006, 202p.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: ed. Boitempo, 2004. 176p. Disponível em: < <http://goo.gl/F0kM89> > Acesso em: 18 de Fevereiro de 2014.

_____. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013. 856p.

RANIERI, Jesus. **A câmara escura**: alienação e estranhamento em Marx. São Paulo: ed. Boitempo, 2001. 176p.

SOUZA, Ricardo Timm de. **A questão do humano em Karl Marx**. Disponível em: <<http://goo.gl/C4xERF>> Acesso em: 18 de Fevereiro de 2014.

Endereço Postal:

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 5 – Sala 608

CEP: 90619-900 – Porto Alegre – RS

Data de Recebimento: 27 de maio de 2014;

Data de Aceite para Publicação: 21 de julho de 2014;